ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇAO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1904* | *NUMERO 9*

O ACTO DA ENTREGA OFFICIAL DA CANHONEIRA «PATRIA», FEITA NO ARSENAL DA MARINHA COM O PRODUCTO DA SUBSCRIPÇÃO ABERTA ENTRE OS PORTUGUEZES RESIDENTES NO BRAZIL

CHRONICA

Quando o velho anno, o finado anno, chegou lá cima aos espaços onde vivem as estrellas e onde vive Deus a vêr envelhecer o sol, mais uma nuvem negra se alastrou na immensidade, como um lençolão de luto a tomar o seu logar no estendal das eras, ao lado de outros annos que ficaram celebres e se chamaram: o anno da peste, o anno terrivel e anno da matança e os annos economicos de Portugal. Essa nuvem negra, toda de crepe, extensa, grossa e rugada, que tem nas suas dobras as dôres, as miserias, os crimes, que guarda as desditas, as catastrophes, as cidades em cinzas, o sangue dos que morreram nas guerras e a lividez dos que morreram de fome, que encerra todos os feitos do anno findo, essa nuvem de tormenta, pesada e triste como uma bandeira a meia haste, ficou a pairar sobre o mundo até á alvorada, toldando o ceu, immensa e da côr dos lutos.

Lisboa não a viu, porque, de copo na mão, festejava o advento do anno novo, sem um receio, sem um terror, indifferente e patusca, encarecendo o vinho e clamando: rei morto, rei posto.

*

Mas Deus, no ninho algodoado do infinito, de sobrecenho carregado e mão estendida, depois de julgar o anno morto e de lhe dar o destino de se tornar nuvem feia e negra, nuvem de tempestade, ficou a meditar nos males que existiram no seu reinado, n'esses doze mezes de 1903.

E ao fim da sua meditação, olhando um esquadrão de anjos de couraças flammejantes, que são estrellas, escolheu d'entre elles o mais rosado, o mais suave, e tomando um ramo da oliveira verde da paz, sagrando o anjo com o seu olhar divino, abençoando-o com o sorriso dos seus labios ancestraes, embalando-o nos seus braços fortes de obreiro de mundos, atirou-o pelos espaços e gritou:

—Vae ser o anno novo!

O anjo veiu a rolar pelas nuvens côr de algodão, veiu a cambalhotear no vigor do impulso dos braços divinos e entre um côro festivo das virgens e dos archanjos, acariciado pelos olhos das estrellas suas irmãs e suas companheiras, perdeu-se nos espaços, em direcção á terra.

Assim nasceu o anno de 1904 pela meia noite de 31 de dezembro, na hora regelada e no ceu infinito onde tremeluziam astros.

*

Com esse impulso, rolando de ceu em ceu, n'uma desastrosa queda, as roupas revoltas, mostrando as carnes côr de rosa, o novo anno deixou cair da mãosita tenra o ramo da paz e soltou o seu vagido, que se perdeu nas rochas de crystal onde Deus guarda as chuvas: e no seu coração de creança nasceu a primeira dôr e no seu rosto roseo e lacteo vincou-se a primeira ruga.

Agora, na sua viagem atravez dos seis ceus, viagem que leva dois mezes da fronteira de um ceu á de outro ceu, sempre desolado e sempre a criar rugas, elle busca alcançar o ramo verde da paz que Deus lhe entregou como symbolo do bem ao vêr o grande estendal de nuvens negras, que são milhares de annos maus e que já vão empanando o azul radioso das abobadas santas.

Elle vae como um caminheiro ancioso procurar o seu ramo de paz, temendo a hora do seu julgamento, em que se tornará nuvem negra ou nuvem de ouro, segundo o que fizer, segundo o que determinar: e ouve sempre a voz grave e dominante do Creador gritar-lhe: Vae ser o anno novo.

Quando constou esta noticia, Lisboa fez apostas, como diante de todos os casos sensacionaes; a Baixa, excitada, perguntou:

—Agarra ou não agarra o ramo da paz?!

Dizem que sim os grandes, os dirigentes, os que mandam, atiram a phrase de affirmação aos ventos e promettem um anno de prosperidades como Deus quer e como Deus manda. Dizem que não os povos, os humildes, os desgraçados, e a aposta fica de pé, desde o primeiro ao ultimo dia d'esse anno que entrou. Mas se o Creador quer o bem, quer a tregua, quer a felicidade?—clama-se por ahi na febre da aposta. E todos se esquecem que Deus, com a sua infinita bondade, cedeu aos desejos, ás vontades do seu povo e, entregando-se aos seus ministros, governa hoje constitucionalmente, com um Querer theorico, com um dominio de poder moderador.

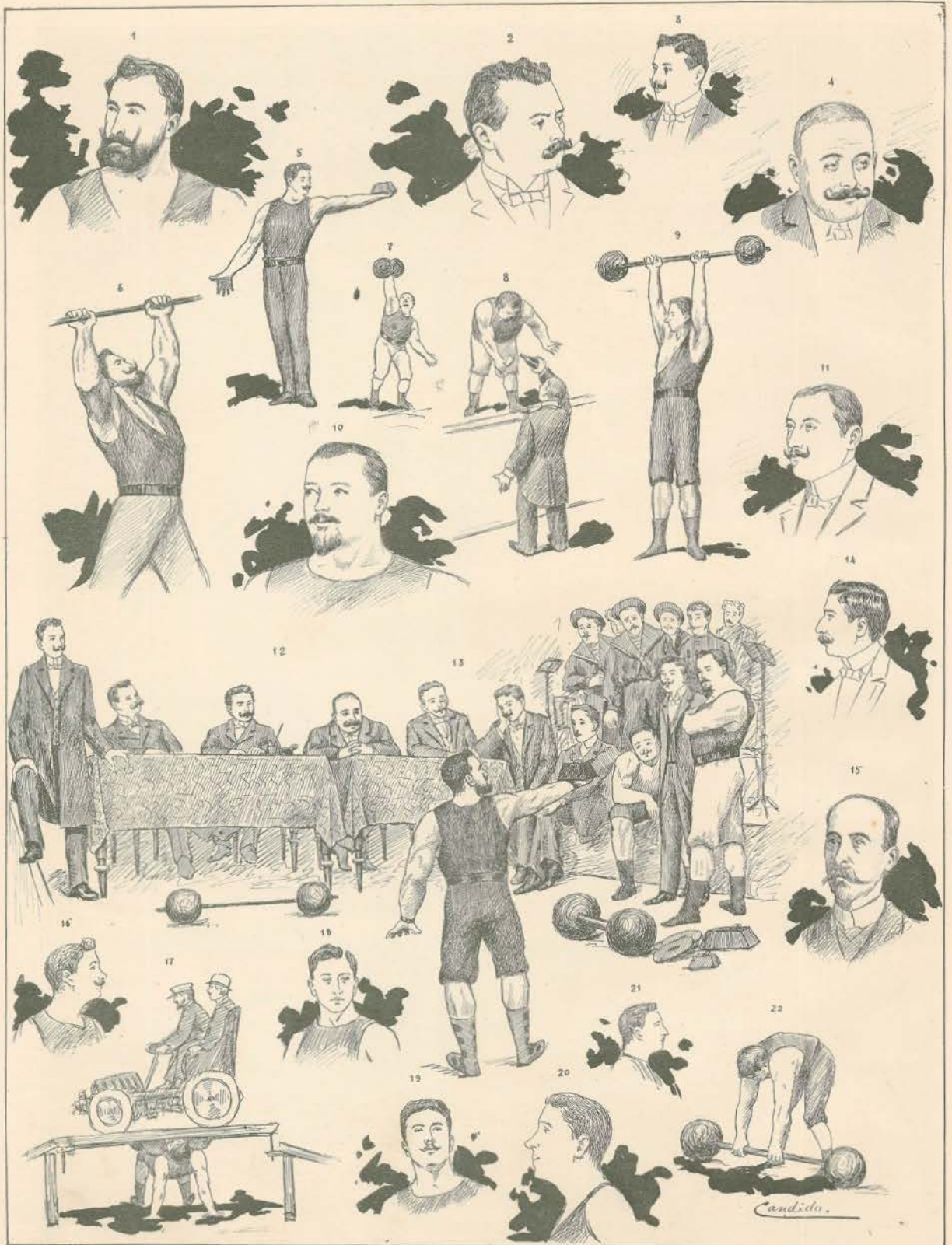
Por isso o novo anno, como os outros, além dos centauros, dos caranguejos, de todos os signos zodiacaes, symbolos dos mezes, tem um symbolo proprio, unico, uma figurinha velha, miuda e corcovada, que encerra o gelo de receio, uma figurinha nascida por artes diabo e por elle agora mais uma vez applicada, n'aquella velha teima malevola de se metter na obra de Deus.

O HOMEM DAS CASTANHAS

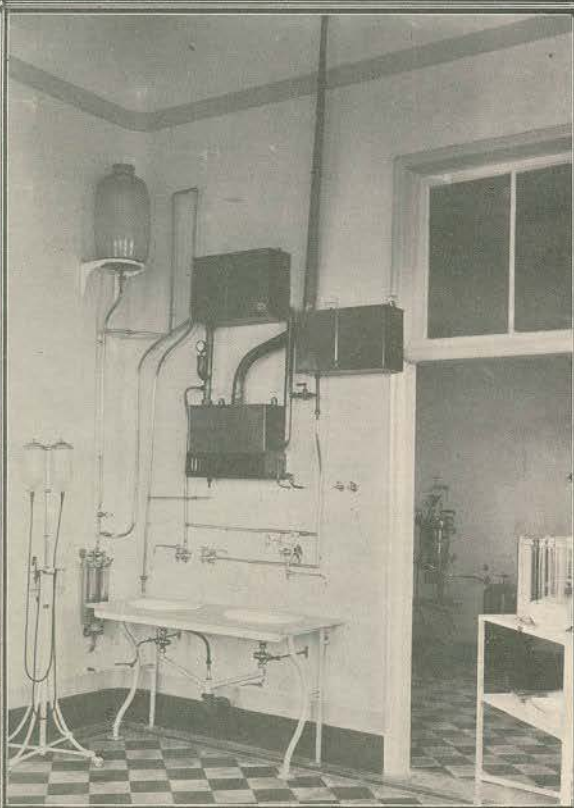
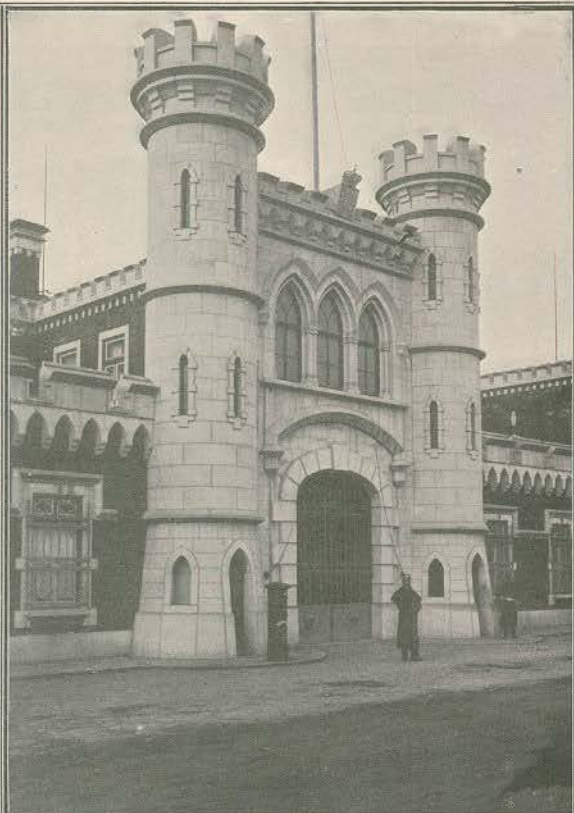
UMA RANCHADA

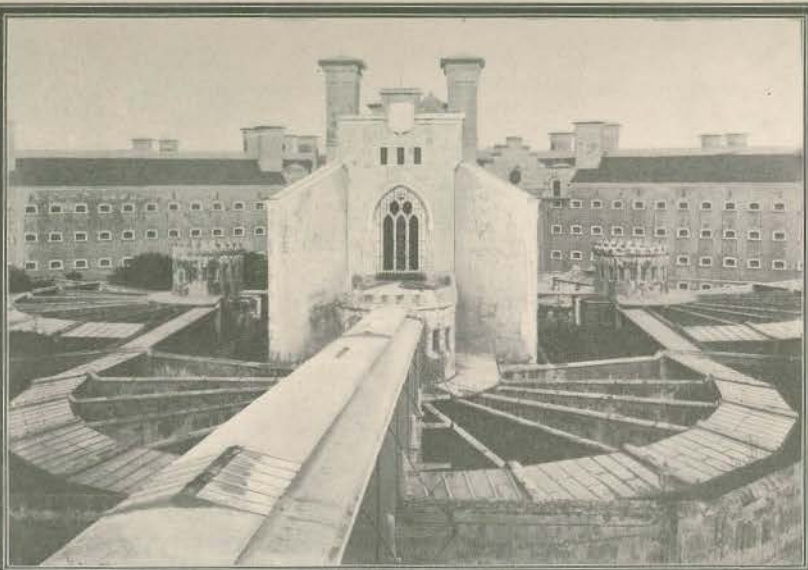
A COMPRA D'UMA VACCA

A PRIMEIRA FEIRA DE GADO EM ODIVELLAS, NO DIA 27 DE DEZEMBRO

O NATAL NO DISPENSARIO DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA—S. M. DISTRIBUINDO A SOPA ÁS CREANÇAS

O CONCURSO D'ATHLETICA REALISADO NO SALÃO DA TRINDADE PROMOVIDO PELO «JORNAL DA NOITE» AO QUAL PRESIDIU O PROFESSOR DESBONNET, SENDO CAMILLO BOUHON PROCLAMADO CAMPEÃO DO MUNDO, EM 23 DE DEZEMBRO

A PENITENCIARIA DE LISBOA

A CAPELLA—UMA DAS ALAS ONDE ESTÃO AS CELLAS—AS CELLAS DA ENFERMARIA—UMA DEPENDENCIA DA ENFERMARIA—A COZINHA

A PENITENCIARIA CENTRAL DE LISBOA

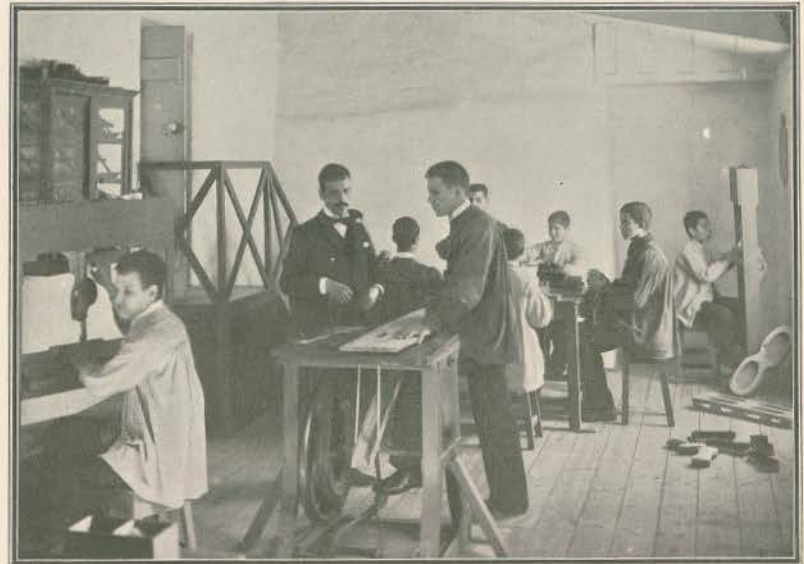
A OFFICINA D'ENTALHADORES NO PAVIMENTO INFERIOR—A PORTA PRINCIPAL DO EDIFICIO—O AMPHITHEATRO ONDE OS PRESOS ASSISTEM Á MISSA E ÁS AULAS —A SALA DAS OPERAÇÕES NO NOVO HOSPITAL

A PENITENCIARIA CENTRAL DE LISBOA

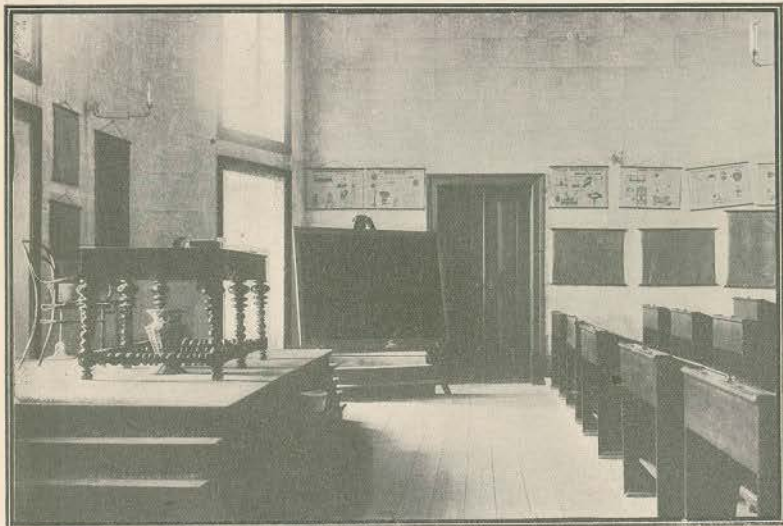
A PADARIA — O EDIFICIO EXTERIORMENTE, AS ALAS A B C — A FACHADA POENTE DO NOVO HOSPITAL — OS SECTORES ONDE OS PRESOS FUMAM E DESCANÇAM

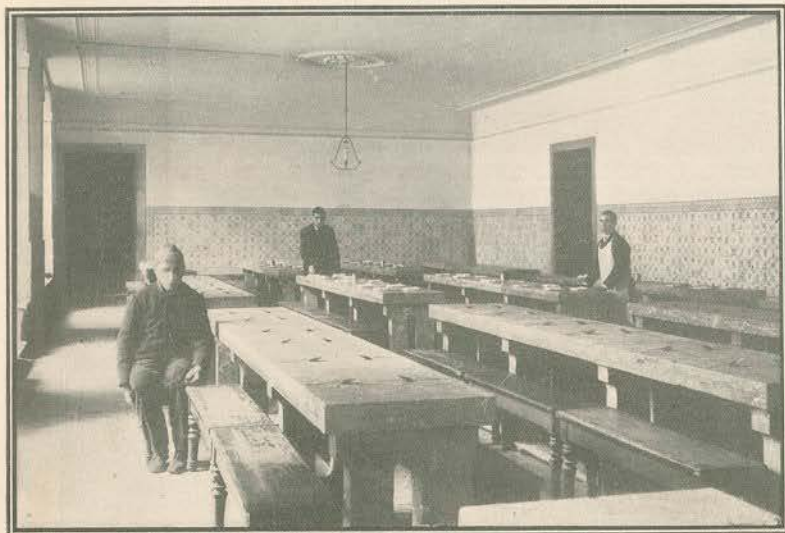
UM ASPECTO DA SOPA ECONOMICA

A ARVORE DO NATAL NA SALA NOBRE

GRUPO DE CEGOS DA ORCHESTRA E AS CEGAS DA AULA DE CANTO

O DORMITORIO DAS ALUMNAS

OFFICINA ONDE SE FABRICAM AS ESCOVAS

O NATAL NO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO (ESCOLA DE CEGOS)

A AULA D'INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

UM GRUPO DE ALUMNOS NO PATEO

O REFEITORIO

UM GRUPO DE ASYLADOS

O NATAL NO ASYLO MARIA PIA

UM ASPECTO DO JARDIM ZOOLOGICO NO ULTIMO DOMINGO—EM FACE DA JAULA DOS URSOS

A DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS NO QUARTEL DA ESPERANÇA AOS BOMBEIROS QUE MAIS SE DISTINGUIRAM
EM 25 DE MARÇO DE 1902 POR OCCASIÃO DO INCENDIO DO LARGO DE CAMÕES

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Acho, comtudo, que, quando alguem tem a felicidade de estar em sua companhia por detraz dos bastidores e de os vêr no lar domestico e na sua intimidade ao pé do fogão, elles são immensamente semelhantes aos simples mortaes. Faz mais gosto vêl-os então do que no seu aspecto theatral. O vestirem-se e procederem da mesma fórma que toda a outra gente parece n'elles cousa tão natural como é metter na algibeira o lapis que vos emprestou um amigo, depois de vos terdes servido d'elle. Porém, depois d'isto, nunca posso ter a menor confiança nos reis de ouropel do theatro. Que grande dissabor! Eu estava acostumado a experimentar com elles uma viva satisfação. Mas, d'aqui por deante, hei de desviar o rosto com tristeza, e dizer:

— Nada, isto não me serve — estes não são modos de rei, nos quaes *eu* estou habituado.

Quando elles se pavoneiam no palco com corôas ornadas de joias e trajos deslumbrantes, vêr-me-hei forçado a observar que todos os imperadores com que jámais *eu* tratei pessoalmente usavam o vestuario mais vulgar, e não se pavoneavam. E quando entram no palco, seguidos por um numeroso corpo de guarda de capacetes e reluzentes couraças, será um dever da minha parte informar os ignorantes que nenhuma cabeça coroada do meu conhecimento teve um soldado em qualquer parte proximo da sua casa ou junto da sua pessoa.

Hão de talvez cuidar que o nosso grupo se demorou tempo immenso ou praticou outros actos improprios, mas tal não succedeu. Todos nos compenetrámos do estar n'uma situação excepcionalmente responsavel — representavamos o povo da America, não o governo — e conseguintemente puzemos todo o empenho em desempenhar a nossa elevada missão o melhor que nos foi possivel.

Por outro lado, as familias imperiaes pensaram, sem duvida, que, recebendo-nos, era o povo da America que ellas acolhiam, mais especialmente do que o poderiam fazer dispensando attenções a um pelotão completo de ministros plenipotenciarios; e, portanto, deram a esse acontecimento a sua mais perfeita e cabal significação, como expressão de boa vontade e de amigaveis sentimentos para com a nação inteira. A benignidade com que fomos recebidos tomámol-a como attenções feitas, n'esse sentido, e não a nós proprios, como grupo. Não negamos que sentimos um orgulho natural em ser recebidos d'esse modo, e um orgulho nacional com a affectuosa cordealidade d'essa recepção.

O nosso poeta foi severamente supprimido desde o momento em que lançámos ferro. Quando constou que íamos fazer uma visita ao imperador da Russia, romperam-se os mananciaes do seu grande engenho, e foi uma chuva de ineffaveis baboseiras durante vinte e quatro horas. A nossa primitiva afflicção em saber como nos haviamos de portar foi subitamente transformada n'outra, a de saber o que haviamos de fazer do poeta. Resolveu-se o problema, finalmente. Duas alternativas lhe foram offerecidas — ou devia prestar um tremendo juramento de que não havia de ejacular uma linha sequer da sua poesia emquanto permanecesse nos dominios do czar, ou então ficaria detido no navio, até nós partirmos outra vez para Constantinopla. Por largo espaço luctou com o problema, mas por fim cedeu. Foi um grande allivio. Ficou a bordo entretido no innocente mister de fabricar versos «de pé quebrado.»

Todo o dia esteve o mar muito bravo. Todavia, o tempo passou-se bem, e tivemos uma caterva de visitantes. Veiu o governador geral, que nós recebemos com uma salva de nove tiros. Trouxe comsigo a sua familia. Notei que haviam estendido tapetes para elle pisar desde a sua carruagem até á extremidade do caes, embora eu o visse andar por lá sem tapete nenhum fóra do exercicio das suas funcções. Pensei que talvez tivesse nas botas o que bem se poderia denominar extra-lustro (mas não acima do commum), e que as quizesse resguardar, mas o certo é que as examinei, e não pude ver que tivessem sido engraxadas mais do que o ordinario. Pode ser que lhe tivesse esquecido o tapete, antes, mas seja como fôr não o trazia comsigo. Era um ancião excessivamente amavel.

O principe Dolgorouki e um ou dois grandes almirantes, a quem tinhamos visto hontem na recepção, vieram tambem a bordo. A principio estive um pouco afastado d'estes personagens, porque, tendo eu visitado imperadores, não me apraz estar demasiadamente em contacto com pessoas que só conheço de nome, e de cujo caracter moral e modo de proceder na sociedade não posso estar perfeitamente informado. Pareceu-me melhor, primeiro, conservar-me um pouco arredado. Disse para os meus botões: Principes e condes e grandes almirantes, está muito bem, mas não são imperadores, e uma pessoa não pode tratar com excessiva attenção pessoas com quem elles acompanham.

Veiu tambem o barão Wrangel. Costumava ser embaixador da Russia em Washington. Disse-lhe que um tio meu cahira do alto de uma torre, e ficara partido em dois, haveria pouco mais ou menos um anno. Era uma falsidade, mas n'essa occasião não me sentia disposto a deixar qualquer sujeito eclipsar-me com surprehendentes aventuras, simplesmente por falta de um pouco de invenção. O barão é um bello homem, e dizem que gosa da alta confiança e estima do imperador.

O barão Ungern-Sternberg, orgulhoso fidalgo de uma só fé, veiu com os mais. E' homem de progresso e de iniciativa — que representa bem o seculo. E' o director em chefe das vias ferreas da Russia — uma especie de rei dos caminhos de ferro. Na sua linha está fazendo andar as cousas para deante n'este paiz. Viajou immenso na America. Diz que experimentou, com exito completo, o trabalho dos forçados nas suas vias ferreas. Diz que elles trabalham bem e são socegados e pacificos. Contou que actualmente tem empregados approximadamente dez mil.

Pareceu-me isto uma provocação aos meus recursos. Correspondi-lhe bem. Disse-lhe que nós tinhamos oitenta mil sentenciados a trabalhar nos caminhos de ferro — todos condemnados á morte por homicidio no primeiro grau. Com esta *elle* entupiu.

Tivemos o general Todtleben (o famoso defensor de Sebastopol no tempo do cêrco) e muitos officiaes inferiores do exercito e da armada, e uma quantidade de damas e cavalheiros russos sem representação official. Naturalmente, uma taça de Champagne para o *lunch* era da praxe, e foi levado a cabo sem perda de vida. *Toasts* e facecias romperam em liberdade, mas discursos só houve um de agradecimento ao imperador e ao grão duque, dirigido ao governador geral, pela nossa hospitaleira recepção, e outro que fez o governador correspondendo ao brinde, em que retribuiu os agradecimentos do imperador pelo discurso, etc., etc.

VII

Regresso a Constantinopla — Navegamos para a Asia — Os marinheiros ridicularizam os visitantes imperiaes — A antiga Smyrna — O «esplendor oriental», uma peta — A «corôa biblica da vida» — Peregrino sabio em prophecias — As raparigas armenias sociaveis — Uma doce recordação — Chegam os camellos. Ah! Ah!

Voltámos a Constantinopla, e passado um dia ou dois em fatigantes caminhadas pela cidade e viagens ao Corno de Ouro em *caiques*, partimos outra vez. Atravessámos o Mar de Marmara e os Dardanellos e fizemos rumo para uma nova terra — nova, ao menos, para nós — a Asia. Tinhamos por ora adquirido apenas um ligeiro conhecimento d'ella, em excursões de recreio a Scutari e ás convisinhas regiões.

Passámos entre Lemnos e Mytilene, e vimo-las como tinhamos visto Elba e as ilhas Baleares — meras sombras, toucadas pelas esmaecidas nevoas da distancia, baleias entre o nevoeiro, por assim dizer. Dirigimo-nos depois para o sul e começámos a enxergar a famosa Smyrna.

A todas as horas do dia e da noite os marujos no castello da prôa se divertiram, offendendo-nos, a ridicularizar a nossa visita á realeza. O paragrapho inicial da nossa mensagem ao imperador era concebido nos termos seguintes:

«Somos uma porção de cidadãos particulares da America, que fazemos simplesmente uma viagem de recreio — e sem ostentação, como convem ao nosso estado, sem representação official — e, por consequencia, nenhuma desculpa temos de vir apresentar-nos na presença de vossa magestade, salvo o desejo de offerecermos o nosso reconhecido conhecimento ao senhor de um reino, que, segundo dizem as boas e as más linguas, tem sido o constante amigo da terra que tanto amamos.»

O terceiro cozinheiro, coroado com uma resplendente bacia de estanho e majestosamente envolvido n'uma toalha de mesa cheia de nodoas de gordura e de manchas de café, com um sceptro que tinha extravagantes parecenças com um cabo de vassoura, andava por cima de um tapete estragado, e encarapitava-se no cabrestante, sem se lhe dar dos borrifos do mar; rodeavam-no os seus camaristas, duques e grandes almirantes, fuscos e maltratados de maus tempos, adornados com toda a pompa que lhes podiam fornecer os encerados de sobresalente e restos de vélas velhas. Depois os moços inferiores transformados em damas desengraçadas e grotescos peregrinos, por meio de rudes *travesties*, com cabellos cahidos, saias de balão, luvas de pellica brancas, e casacos compridos, caminhavam solemnemente no tombadilho, e, curvando-se muito, começavam um systema de sorrir complicado e extraordinario, a que poucos monarchas poderiam resistir. Em seguida, o burlesco consul, um moço de bordo emplastado de lama, tirou um pedaço de papel sujo, e tratou de ler difficilmente:

«A sua imperial magestade, Alexandre II, imperador da Russia:

«Somos uma porção de cidadãos particulares da America, que fazemos simplesmente uma viagem de recreio — e sem ostentação, como convem ao nosso estado, sem representação official — e, por consequencia, nenhuma desculpa temos de vir apresentar-nos na presença de vossa magestade .

O imperador — Então para que viestes?

«Salvo o desejo de offerecermos o nosso reconhecido conhecimento ao senhor de um reino que

O imperador — O diabo leve a mensagem! — Ide lê-la á policia. Camarista, levae d'aqui esta gente para o palacio do grão duque, e deem-lhe de comer. Adeus! sinto-me feliz — Estou satisfeito — Estou deleitado — Estou maçado — Adeus, adeus — toca a andar! O primeiro gentil-homem do palacio que proceda á contagem dos objectos portateis de valor que pertencem á casa.

Acabava então a farça para se repetir com toda a mudança de marujos e embellezado por novos e ainda mais extravagantes invenções de pompas e conversa.

A todas as horas do dia e da noite matraquea os nossos ouvidos a phraseologia d'essa enfadonha mensagem. Sujos marinheiros desciam do cesto da gavea tranquillamente, dizendo-se «uma porção de cidadãos particulares da America, *que viajavam simplesmente para recreio* e sem ostentação» etc; os fogueiros iam para a sua obrigação nas profundezas do navio, explicando a negrura do seu rosto e o desalinho do vestuario, com a observação de que *elles* eram «uma porção de cidadãos particulares, que viajavam simplesmente para recreio» etc., e, quando á meia noite retumbava pelo navio o grito das *oito badaladas! — Vigia de bombordo, saia!* a vigia de bombordo sahia da sua caverna, bocejando e espreguiçando-se, com a eterna formula: «Sim, senhor, sim! Somos uma porção de cidadãos particulares da America, que viajamos simplesmente para recreio, e sem ostentação, como convem ao nosso estado, sem representação official.»

Como fui membro da commissão e ajudei a redigir a mensagem, estes sarcasmos attingiam-me directamente. Nunca ouvi um marinheiro proclamar-se «uma porção de cidadãos americanos que viajavam para recreio» que não sentisse o desejo d'elle escorregar e ir pela borda fóra, para, ao menos, a tal sua porção ficar reduzida de um individuo. Nunca me enfastiou phrase nenhuma tanto como o conceito inicial da mensagem ao imperador da Russia proferido pelos marinheiros.

O porto de mar de Smyrna, o primeiro digno de menção que vimos na Asia, é uma cidade muito apinhada, de cento e trinta mil habitantes, e, como Constantinopla, não tem suburbios. São tão densas as suas habitações nas extremidades como no centro, e depois subitamente as casas cessam, e a planicie para além d'ellas parece deserta. O mesmo succede com qualquer outra cidade do Oriente. Quer dizer, as suas casas mussulmanas são pesadas e negras, e tão destituidas de confortos como outros tantos tumulos; as suas ruas são tortuosas, muito mal calçadas e tão estreitas como uma escada ordinaria; as ruas uniformemente levam uma pessoa a qualquer logar que não é aquelle para onde ella precisa de ir, e surprehendem-na, pondo-a no local menos esperado; o commercio faz-se principalmente em grandes bazares cobertos, acanhados como um favo de mel, com lojas innumeraveis não maiores que uma privada, e todo o cortiço cortado n'um labyrinto de ruas com a largura sufficiente para estar um camello carregado, e bem dispostas para um extrangeiro se enganar e uma vez por outra se perder; por toda a parte se vê immundicie, pulgas, cães magros e desfallecidos; cada rua está apinhada de gente; para onde quer que lanceis os olhos, daes com uma grosseira mascarada de trajos extravagantes; as officinas teem todas portas abertas para a rua, e os operarios estão á vista; toda a casta de sons vos assalta os ouvidos, e a todos domina a voz do muezzin n'algum elevado minarete, chamando á oração os fieis vagabundos; e superior á voz que chama para a oração o barulho nas ruas e o interesse dos trajos — mais que tudo, e prendendo a attenção primeiro, depois e sempre — uma combinação de fétidos mahometanos, em comparação dos quaes até o cheiro de um bairro chinez seria tão agradavel como o aroma da gorda vitella a assar ao nariz do prodigo que volta á casa paterna. Tal é o luxo oriental e o esplendor oriental! Todos os dias lemos cousas a seu respeito, mas só quando se vê é que se comprehende. Smyrna é cidade muito antiga. Muitas vezes se encontra na Biblia a sua denominação, visitaram-na um ou dois dos discipulos de Christo, e aqui se estabeleceu uma das sete primitivas egrejas apocalypticas de que falam os Livros Santos. Foram essas egrejas symbolisadas nas Escripturas como candieiros, e em certas condições houve uma especie de implicita promessa de que Smyrna seria contemplada com uma «corôa de vida».

FOLHETIM N.º 8

(Continúa.)

SR. FILLIPE DE CARVALHO
1.º tenente da armada e presidente honorario da grande commissão que trata dos melhoramentos na barra de Portimão

DR. JOAQUIM PRAGANA NEVES
Presidente da grande commissão que trata dos melhoramentos da barra de Portimão

SR. FRANCISCO LEAL PANCADA
Fallecido em 18 de dezembro

JULIAN YRISAR
Commandante do «Uruguay» da expedição ao polo antarctico

SR. VISCONDE DE SANDE
O representante da grande commissão brazileira da subscripção para se fazer a canhoneira *Patria*

ENGENHEIRO HERSENT
Fallecido em Paris a 28 de dezembro

SR. BENTO LUIZ DA SILVA
Fallecido êm 30 de Dezembro

SR. ALFREDO GUIMARÃES
Proprietario da casa a que nos referimos no nosso ultimo numero na secção Habitações Artisticas

SR. LUIZ DIÉGUEZ
O campeão dos pesos leves proclamado no concurso do *Jornal da Noite*

SR. ANTONIO ALFREDO DA SILVA RIBEIRO
Capitão tenente commandante da canhoneira *Patria*

SR. HYPACIO DE BRION
Inspector do Instituto de Soccorros a Naufragos

SR. CAMILLO BOUHON
O campeão de grandes pesos proclamado campeão do mundo no concurso do *Jornal da Noite*

CHRONICA ELEGANTE

Como geralmente succede com todas as cousas que se fazem esperar, o inverno, depois de muitas hesitações, resolveu fazer a sua definitiva apparição, acompanhado do seu cortejo completo de frio, chuva, vento, nevoeiro, geada, lama e tudo quanto se possa imaginar de feio e desagradavel. Só o extremo luxo, a requintada opulencia com que a moda actual nos mimoseia dia a dia, conseguem fazer esquecer no ambiente suave, confortavel e perfumado das salas, todos os horrores que offerece a vida ao ar livre.

Figura 1

As *toilettes* de recepção, jantar, theatro, concerto, sarau e baile chegam a ter fóros de obras d'arte, tal é a delicadeza dos coloridos, a finura e apurado gosto das guarnições, o mixto de opulencia, de elegancia e bom tom que se revelam na harmonia geral do trajar. Uma das phantasias modernas é a adopção das côres claras para vestidos de passeio e das escuras para a noite; entre estas ultimas estão altamente cotadas as côres *aubergine, mordoré, bleu de roy, vert-empire* e preto. Um dos tecidos preferidos é a *mousseline de soie*, que n'estes tons escuros se polvilha de lantejoulas, diamantes, pérolas, fios de ouro e prata e grinaldas de flôres enormes bordadas ou *incrustées* com as competentes hastes e folhagem de suavissimo matiz. As rosas, as hortensias, os lyrios, as magnolias e até os girasoes prestam-se maravilhosamente a esta phantasia moderna, deliciosa quando se não força a nota accumulando flôres em demasia. N'isso é que consiste a arte do *faiseur* e a habilidade do executor.

Comtudo, esta variante no traje não exclue de modo algum a *toilette* clara, que continua a ser adoptada pela maioria das senhoras que dançam, e que poderosamente contribue para o aspecto festivo e alegre dos salões. As *toilettes* de gaze ou tulle sombreado *(dégradées)* são deliciosamente distinctas; fazem-se em gaze, tulle, crêpe, *mousseline de soie*, etc.; junto á cintura, tanto a saia como o corpo são de um colorido suavissimo, augmentando de intensidade em sentido inverso e artisticamente esbatido, de fórma que os tons mais accentuados se encontram na orla da saia e na parte superior do decote. O *dessous* em seda é escolhido no tom mais claro e estes vestidos fazem-se quasi sempre em *plissé soleil*, tendo o suggestivo nome de *Loïe Fuller*.

Figura 3

Como se deprehende d'esta descripção, o sombreado é no sentido horisontal; tambem no emtanto, ha tecidos *dégradés* verticalmente formando largas tiras cuja parte central é escura, esmorecendo gradualmente para ambos os lados. As guarnições d'estas *toilettes* são nullas, consistindo unicamente n'uma haste ou ramo de flôres ao lado esquerdo do corpo ou do cinto.

Fig. 1 — *Toilette* de baile em renda de *Chantilly* branca *incrustée* de girasoes em *drap de soie* amarella com os centros de velludo preto polvilhado de brilhantes.

Fig. 2 — *Toilette* de *soirée* em *mousseline* de seda preta com grinaldas de rosas côr de rosa e folhagem verde murcho, bordadas a seda.

Fig. 3 — *Toilette* de passeio *habillée* em panno *gris bleu* guarnecida de velludo *bleu de roy* e galões brancos lavrados de azul; chapeu de veludo *bleu de roy* com pluma *ombrée*; grande boa de *renard argenté*.

Figura 2